

Maria Zulmira Castanheira

Universidade Nova de Lisboa - CETAPS

Troca de olhares entre Portugal e a Inglaterra na literatura de viagens da segunda metade do século XIX: *Lady Jackson* e Eduardo Coelho

Os estudos de imagologia cultural encontram na Literatura de Viagens um fértil campo de investigação, na medida em que se trata de um género vocacionado para a representação do Outro e propenso, pois, à produção e reprodução de imagens, estereótipos e mitos sobre o estrangeiro. A escrita de viagem resulta da deslocação no espaço (mais ou menos distante, mais ou menos estranho) de alguém que relata, habitualmente na primeira pessoa, uma experiência que o leitor assume como real, instituindo-se o autor como protagonista da narrativa.¹ Com raízes muito antigas, podendo assumir uma pluralidade de formas (diários de bordo, roteiros, crónicas, diários, cartas, autobiografias, memórias, “impressões”, ensaios, guias) e prestando-se à hibridiz genológica, regista, quer de modo mais objectivo e impessoal, quer de maneira mais subjectiva e impressionista, o encontro do Eu com o Outro, e constitui uma forma de documentação sobre o mundo, nos planos físico e humano, para a qual o viajante-escritor reivindica um estatuto de autenticidade.² Dada a sua natureza de testemunho directo

¹ Tomamos como referência, em larga medida, a definição de livro de viagens proposta por Jan Borm: “any narrative characterized by a non-fiction dominant that relates (almost always) in the first person a journey or journeys that the reader supposes to have taken place in reality while assuming or presupposing that author, narrator and principal character are but one or identical.” Jan Borm, “Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology”, Glenn Hooper and Tim Youngs (eds.), *Perspectives on Travel Writing* (Aldershot: Ashgate, 2004), p. 17.

² Ressalve-se, porém, que, na medida em que se constitui como personagem da sua narrativa, o viajante-narrador não pode escapar a uma ficção do que viveu, colocando assim o seu discurso na fronteira instável entre a “verdade” e a ficção.

(ou pretensamente directo) de uma experiência de contacto com uma realidade geocultural diferente da do local de origem do viajante, frequentemente plena de novidade, a narrativa de viagem abre-se à descrição, tanto de paisagens como de povos. Cenários naturais, espaços urbanos, tipos sociais, práticas quotidianas são descritos com maior ou menor detalhe, constituindo o enfoque sobre a índole dos habitantes dos lugares visitados, seus usos e costumes, instituições, história, geografia, economia, religião, património cultural, *modus vivendi*, em suma, por vezes acompanhado de informações quantitativas, uma dimensão distintiva do género.

É longa a tradição de relatos de viagem de autoria britânica sobre Portugal, tendo o século XIX, por razões históricas e políticas que aproximaram as duas nações, mas também geraram tensões e conflitos que culminariam nesse grande momento de crise da vida nacional que foi o Ultimato inglês de 11 de Janeiro de 1890,³ constituído um período fortemente prolífico no que à publicação de narrativas sobre o nosso país diz respeito. Conhecidos como grandes viajantes, os ingleses há muito que rumavam a Portugal, até ao século XVIII essencialmente por razões militares, políticas e comerciais e depois, à medida que o acto de viajar se foi tornando mais fácil, seguro, cómodo, rápido e barato, não já por motivos estritamente profissionais e sim por curiosidade intelectual e sentido de aventura, para instrução e recreação, por interesse em conhecer e contactar com uma realidade social muito diferente da sua, para buscar o “primitivo”, o pitoresco, o exótico e o sublime tão caros à sensibilidade e à imaginação românticas.

Berço da Revolução Industrial que viria a proporcionar grandes progressos tecnológicos a nível dos meios de transporte, a Inglaterra

³ Lembrem-se o auxílio militar inglês no combate às tropas francesas invasoras no quadro da Guerra Peninsular, as sucessivas vagas de emigração para Inglaterra de portugueses de credo liberal a partir das Invasões Francesas e de novo mais tarde, na década de 20, devido ao avanço das forças contra-revolucionárias, o apoio à causa de D. Pedro no combate aos miguelistas e à monarquia absoluta, a intervenção armada a favor da rainha D. Maria II e do poder cartista instituído aquando da guerra civil da Patuleia e a crescente pressão exercida pela Inglaterra expansionista sobre as tradicionais possessões coloniais portuguesas, agudizando-se os problemas relacionados com a chamada “questão africana”.

conheceu, na sua era vitoriana, um sucesso económico e consequente aumento do poder de compra que muito concorreu para o início desse fenómeno de massas a que chamamos turismo, ao democratizar a viagem e torná-la acessível às classes médias que, agora com disponibilidade de tempo e de dinheiro (no passado, privilégio de apenas alguns), encontram nas deslocações a outras paragens uma apetecida forma de lazer.⁴ Intensifica-se por isso, grandemente, a mobilidade dos ingleses, a que há que juntar as viagens empreendidas devido a diplomacia, negócios, missão, investigação histórica, exploração científica.⁵ Tradição marítima, ânsia de conhecer o mundo, desejo de adquirir maior cultura geral, modo de combater simplesmente o *spleen*, interesses políticos, económicos e científicos são factores que se conjugam, espalhando pelo mundo os filhos de Inglaterra.

Por sua vez, a intensa produção industrial, o enorme desenvolvimento do comércio externo, a expansão do Império e a prosperidade material até meados da década de 70, fim da chamada fase média da Era Vitoriana (*Mid-Victorian Period*), que conduziram a Inglaterra ao auge da riqueza e do poder, bem como da influência a nível do globo, fizeram dela o centro das atenções, tendo então a hegemonia “Rainha dos Mares” atraído também inúmeros viajantes estrangeiros, entre eles alguns portugueses, curiosos em ver de perto esse país prodigioso e sobretudo Londres, a sua gigantesca capital.

Ligado à Inglaterra por uma aliança diplomática multissecular que é hoje a mais antiga do mundo ainda em vigor e que ao longo da sua história foi muitas vezes acusada de ser prejudicial aos seus interesses, o Portugal oitocentista nutria pela velha aliada sentimentos mistos e contraditórios de anglofobia e anglofilia que se reflectem, não raro, nos relatos desses portugueses que, tal como muitos dos ingleses que estiveram em Portugal no século XIX e anotaram as suas impressões, deixaram testemunho escrito da experiência de viagem à, a muitos títulos

⁴ Veja-se: Alain Corbin, *História dos Tempos Livres. O advento do prazer* (Lisboa: Teorema, 2001).

⁵ É extensa a tipologia dos viajantes que se foi constituindo ao longo dos tempos: peregrinos, cavaleiros errantes, mercadores, marinheiros, exploradores, colonizadores, piratas, prisioneiros, náufragos, diplomatas, políticos, informadores, militares, missionários, cientistas, aventureiros, escritores, turistas, jornalistas...

admirável, Inglaterra vitoriana. Bastante mais reduzido em número, é certo, se compararmos o conjunto dessas narrativas de autoria portuguesa com o vasto caudal de relatos sobre Portugal saído das penas de viajantes provenientes do outro lado da Mancha, e talvez por isso mesmo, tais textos descritivos, enquanto formas de representação cultural, constituem interessantíssimos documentos do modo como os nossos compatriotas viajantes *viram* a dominadora Inglaterra e a ela reagiram, e revestem-se, assim, de significado como fontes para a história das relações interculturais entre os dois povos, para lá da sua maior ou menor qualidade literária. Acresce que, ao mesmo tempo que encerram juízos de valor, *clichés* sobre o Outro/a Inglaterra, veiculam também opiniões acerca do próprio Portugal e estimulam uma auto-definição, difundindo desse modo imagens binárias de identidade nacional que tanto se reportam ao país *olhado* como ao lugar de pertença de *quem olha* (heteroestereótipos e autoestereótipos).

Propomo-nos, neste ensaio, comparar dois relatos de viagem da década de 70 do século XIX, um de autoria inglesa, *Fair Lusitania* (1874), de Lady Jackson,⁶ e outro de autoria portuguesa, *Passeios no Estrangeiro* (1879), de Eduardo Coelho,⁷ no sentido de analisar o que distingue e separa a visão dos dois forasteiros em viagem cruzada de Londres para Lisboa e de Lisboa para Londres.

Catherine Hannah Charlotte Elliott, Lady Jackson (1813?/1814?/1824?-1891), desembarcou em Lisboa, vinda de Londres, em Julho de 1873, reinava então em Portugal D. Luís. A sua estada, não uma estreia mas uma revisita que de modo algum a desiludiu,⁸ prolongar-

⁶ Referência bibliográfica completa: Catherine Charlotte Lady Jackson, *Fair Lusitania. With twenty illustrations from photographs* (London: Richard Bentley and Son, 1874). De ora em diante, a obra será apenas referida como *Fair Lusitania*.

⁷ Referência bibliográfica completa: Eduardo Coelho, *Passeios no Estrangeiro. Visita à Exposição de Paris. Passeio a Londres. Passeio na Belgica e no Rheno* (Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1879), pp. 257-293. De ora em diante a obra será apenas referida como *Passeios no Estrangeiro*.

⁸ “Perhaps more or less of disappointment is generally felt on revisiting after the lapse of some years places associated with the memories of a former eventful or happier period of our life. (...) No disappointment, however, of this kind, though it had been predicted, awaited me here.” (*Fair Lusitania*, p. 23).

-se-ia até Outubro desse mesmo ano e estaria na base da obra que publicou logo no ano seguinte: *Fair Lusitania. With twenty illustrations from photographs*.⁹ Já então viúva do diplomata Sir George Jackson (1785-1861), cujas missões haviam levado a autora inglesa a residir por largo tempo em Luanda e lhe tinham provavelmente proporcionado a anterior viagem a Lisboa que refere na Introdução, pelo que possuía invulgares conhecimentos da língua portuguesa em comparação com a grande maioria dos outros estrangeiros que visitava Portugal, Lady Jackson viaja desta vez sozinha, como turista, facto que constitui, aos olhos dos portugueses com que se cruza, motivo de espanto¹⁰ e, porventura, de desconfiança. Efectivamente, se a mulher vitoriana se foi crescentemente libertando do confinamento à esfera doméstica, o que passou, entre outras práticas, pelo acto de viajar sozinha, por escolha e não por obrigação,¹¹ nomeadamente pelo Sul da Europa – mas também pelo Oriente e por África, no caso das mais intrépidas –, tal transgressão e ousadia não deixava de levantar dúvidas quanto à sua respeitabilidade,

⁹ Após enviuar do diplomata Sir George Jackson, com quem casara em 1856, Lady Jackson dedicou-se às letras. Começou por editar diários e cartas do marido (*The Diaries and Letters of Sir George Jackson, from the Peace of Amiens to the Battle of Talavera*, 2 volumes, 1872, e *The Bath Archives: a further Selection from the Diaries and Letters of Sir George Jackson, 1809-16*, 2 volumes 1873) e virou-se depois para o estudo de textos memorialísticos franceses, a partir dos quais compilou material para os vários livros sobre a história e a sociedade francesas que veio a publicar entre 1878 e 1890, o ano anterior à sua morte, ocorrida em Bath, no dia 9 de Dezembro de 1891: *Old Paris: its Court and Literary Salons* (1878), *The Old Régime: Court, Salons, and Theatres* (1880), *The French Court and Society: Reign of Louis XVI and First Empire* (1881), *The Court of the Tuileries, from the Restoration to the Flight of Louis Philippe* (1883), *The Court of France in the Sixteenth Century, 1514-1559* (1885), *The Last of the Valois and Accession of Henry of Navarre, 1559-1589* (1888) e *The First of the Bourbons: 1595-1610* (1890).

¹⁰ “A little inquisitive [the Portuguese people], perhaps – desirous of knowing if he [the traveller] has a family; why and where he has left it, or if he is on his way to visit relatives, and a good deal surprised to learn that his travels have no object in the world, save pleasure; for the Portuguese have only of late years begun to be travellers in the sense that the English are.” (*Fair Lusitania*, p. 12).

¹¹ Veja-se: Michelle Perrot, “Sair”, Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (dir.), *História das Mulheres. O Século XIX* (Porto: Edições Afrontamento, 1994), pp. 503-539.

especialmente num meio católico e fechado como o português, em que o acesso das mulheres à esfera pública era extremamente restrito;¹² ou então era encarada como um comportamento excêntrico, extravagante,¹³ suscitando comentários satíricos e ridicularizadores, o mesmo sucedendo pelo facto de *Lady Jackson* ser uma fumadora.

Narrativa na primeira pessoa, redigida *a posteriori* com base num diário e em cartas que a autora escreveu durante a viagem, e organizada linearmente, segundo a ordem cronológica do itinerário percorrido (características estas típicas do género em que se inscreve), *Fair Lusitania* distingue-se, na tradição da literatura de viagens britânica sobre Portugal até ao último quartel do século XIX, pela abertura de espírito da autora, sempre disponível para se deixar encantar com o que vê e sem a barreira dos muitos pré-juízos de sinal negativo acerca da realidade portuguesa que habitualmente condicionava o olhar dos ingleses que nos visitavam.¹⁴ Na verdade, *Lady Jackson* coloca-se, desde o início, em posição contrária à dos seus compatriotas que adoptaram, face a Portugal e à Europa meridional como um todo, uma atitude

¹² “They lifted their [the male passengers] hats, according to Portuguese custom, as I entered [the omnibus], looked inquiringly at me, then thrust their heads out of the side windows, peered around, and looked at me again, as much as to say, “Where’s your companion? Surely you’re not rambling alone through the wide, wide world?” – so slow are these people to believe that decent womankind, however old and ugly, can safely be trusted out of leading strings. But no lordly protector, or even servant-duenna, appearing, they looked meaningly at each other, bestowed another glance on me, shrugged their shoulders, made themselves up as comfortably as they could in their uncomfortable seats, closed their eyes, and gave me up as an unfathomable mystery.” (*Fair Lusitania*, pp. 230-231)

¹³ Em Setúbal: “The hostess was informed that I was “*uma estrangeira Inglesa*” – an English foreigner. The being on one’s travels alone, and not bound for house, or *quinta*, of either relative or friend – a circumstance of which they invariably manage to assure themselves – struck her, as it strikes most Portuguese and Spaniards, as a very crazy fancy indeed, but one which was rather amusing than otherwise.” (*Fair Lusitania*, p. 235)

¹⁴ Sobre o relato de *Lady Jackson*, ver o estudo: Custódia Irene Vaz Magalhães, *Saudades Profundas da Formosa Lusitânia: o olhar de uma viajante inglesa sobre o Portugal de 1873* (Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010).

fóbica e constantemente afirmaram a sua superioridade civilizacional, explicando logo na Introdução à obra que foi sua intenção combater a imagem detractora de Portugal como um país atrasado, inculto, bárbaro, que há muito circulava em Inglaterra e na Europa, fruto, na opinião da autora, da ignorância e do preconceito,¹⁵ dando à estampa um volume de impressões de viagem que fizesse justiça a Portugal, reconhecesse a riqueza do seu património histórico e literário, as suas inúmeras belezas naturais, o pitoresco dos seus costumes, o esforço de modernização que, nas últimas duas décadas, se tinha registado, enfim o quanto de interessante tinha a oferecer ao estrangeiro em viagem de lazer e de consumo cultural. Consciente, também, e por outro lado, de que a arrogância dos ingleses e as vicissitudes da aliança lusobritânica vinham desde longa data distorcendo a sua imagem aos olhos dos portugueses e despertando neles sentimentos anglofóbicos, sendo portanto o mau julgamento recíproco,¹⁶ pensa a autora que poderá, com o seu testemunho, dar um pequeno contributo para um melhor entendimento entre os dois povos e para um melhoramento da opinião dos portugueses em relação aos seus velhos aliados – o que podemos dizer que conseguiu, na medida em que a tradução portuguesa da sua obra não se fez esperar e foi acolhida com rasgados elogios. Publicada logo em 1877 e feita por um dos nomes maiores da nossa literatura, Camilo Castelo Branco,¹⁷ foi, de facto, saudada na imprensa periódica da época por dar a conhecer um relato que projectava uma imagem

¹⁵ “Poor little Portugal! How is it that a country so lovely, whose capital is second in beauty to none of the cities of Europe, whose people are so courteous, so kind-hearted, so hospitable, so free from the gloom and the bigotry of the Spaniards, is pooh-poohed, as it were, by the rest of the world, and accounted the least important and interesting of European kingdoms?” (*Fair Lusitania*, p. 10).

¹⁶ “There is therefore but little real sympathy between the two nations, and the English character is, consequently, as much misunderstood and misrepresented by the Portuguese as is their own by the people of England.” (*Fair Lusitania*, p. 5).

¹⁷ *A Formosa Lusitania, por Catharina Carlota Lady Jackson, versão do inglês, prefaciada e anotada por Camillo Castello Branco* (Porto: Livraria Portuense-Editora, 1877). Edição recente: Lady Jackson, *A Formosa Lusitânia. Portugal em 1873*, Tradução e notas de Camilo Castelo Branco (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007).

favorável de Portugal, o que era pouco comum, e satisfazer, por isso, o sentimento patriótico português ferido.¹⁸

Ainda que faça algumas críticas ao longo das suas impressões de viagem,¹⁹ nomeadamente à forte superstição popular, aos muitos pedintes que pululavam pelas ruas de Lisboa ou aos percevejos que infestavam as camas dos hotéis e hospedarias, no que se junta a muitos outros viajantes estrangeiros, e se, de modo semelhante, descreve os habitantes, seus usos e costumes, as igrejas e monumentos, o movimento das ruas, as manifestações religiosas e culturais (fado, tourada), cenas curiosas presenciadas, diálogos travados durante as suas deambulações²⁰ e, sobretudo, as belezas das paisagens naturais, a par de considerações sobre a história, a política, a literatura e a arte lusitanas, Lady Jackson consegue ter uma voz própria no seu esforço de entendimento da cultura do país visitado, na sensibilidade feminina que a leva a prestar particular atenção à condição da mulher portuguesa (notando que esta pouco sai de casa e, quando o faz, não pode andar sozinha na rua, se bem que constate uma gradual alteração dos velhos costumes²¹) e à franqueza

¹⁸ Sobre a tradução portuguesa da obra de Lady Jackson e os seus méritos, ver: Maria Zulmira Castanheira, “Prefácio”, Lady Jackson, *A Formosa Lusitânia. Portugal em 1873*. Tradução e notas de Camilo Castelo Branco (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007), pp. XI-XXV; e Maria Zulmira Castanheira, “O “aborrecido labor de traduzir”: Camilo Castelo Branco, tradutor de Lady Jackson” (*Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 16, 2007), pp. 119-134.

¹⁹ Esclarece Lady Jackson: “(...) my object is merely to note down what strikes me in the course of my rambles about the ups and downs of this dear old place; whether of the things good or evil, old or new, or changes for the better or the worse.” (*Fair Lusitania*, p. 53).

²⁰ Lady Jackson não se limitou a deambular por Lisboa, o seu trajecto incluiu Sintra, Mafra, Setúbal, Porto, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Coimbra, Buçaco, Batalha, Alcobaça e Leiria.

²¹ “Parties of Portuguese ladies, generally in threes and fours – but never young ladies alone – crowd the narrow pavement. This is quite an infraction of old customs; and it is still only ladies of advanced ideas, who have begun to think of “emancipation”, that show themselves much out of doors.” (*Fair Lusitania*, p. 45); “National prejudices take a long time to die out. That against ladies appearing abroad unattended, though considerably modified, yet prevails in Portugal.” (*Fair Lusitania*, p. 82); “It is still something of a novelty for the Portuguese ladies to assemble much beyond their own family circles or *re-unions*. But this is owing to

e satisfação com que regista as mudanças para melhor que detectou na sua segunda visita a Portugal, chegando mesmo a admitir que, em certos aspectos, o nosso país levava a palma à Inglaterra. Para além dos elogios ao clima, tópico obrigatório da representação de Portugal nas letras inglesas e que, significativamente, encerra também *Fair Lusitania* quando, no regresso a casa, a autora estabelece um contraste entre o céu de chumbo de Southampton e o céu azul de Portugal:

No sooner had we landed at Southampton than a thick fog again enveloped sea and land; a drizzling rain began to fall, and smoke and mud filled the streets of the grimy town.

What a climate! What a change! – I feel chilled both in body and soul. Make up a blazing fire; draw down the blinds and shut out the leaden atmosphere. Ah! *Saudades! Saudades profundas* for the sunny blue skies of fair Lusitania!” (*Fair Lusitania*, p. 402)

Lady Jackson reconhece, por exemplo, a superioridade dos trens de aluguer de Lisboa em relação aos de Londres,²² a maior eficácia no controle das bagagens nas vias-férreas portuguesas²³ ou a mais alta qualidade dos *buffets* das estações de comboio.²⁴ Os melhoramentos

the yet existing influence of old customs than from any exclusiveness, or reserve of manners and disposition. They have, indeed, a talent for society, a natural ease and grace, which springs from the best source – kindly and amiable feelings, and a desire to please.” (*Fair Lusitania*, pp. 222-223).

²² “The old leather-curtained *seges*, with their mules and booted and spurred postilions, have also disappeared. The antiquated jolting vehicles, into which one had formerly to scramble with difficulty to a height above a yard from the ground, are replaced by open and close carriages with a pair of good horses. The public carriages of Paris are inferior to them; those of London are left far in the rear.” (*Fair Lusitania*, p. 20); “The outer circle of this square [Praça Luís de Camões, Lisboa] is one of the stations of the public carriages – *trens de aluguer* – and a very creditable show they make. I wish London could furnish one equal to it.” (*Fair Lusitania*, p. 33).

²³ “Though my *bagagem* does not exceed in weight the quantity allowed free of payment, it is labelled, registered, and taken charge of, and a receipt given for it, for which I pay one *vintem*, or a penny. This I think a much better arrangement than the scrambling unmethodical one of the English railways.” (*Fair Lusitania*, p. 245).

²⁴ “There is a *buffet* at the junction, and an exceedingly good one – large, airy, neat, and very clean: excellent refreshments, and most moderate charges; altogether

registados pela viajante inglesa – “the changes and improvements in the cities and towns have been so numerous, and are indeed so striking, especially in Lisbon, that Portugal may be said to be a new country to those who have known it sufficiently well to compare what *is* with what *was*, say twenty, fifteen, or even ten years back” (*Fair Lusitania*, pp. 11-12) – dizem respeito a aspectos tão diversos como a maior agilidade dos serviços alfandegários,²⁵ os progressos verificados no domínio do ensino,²⁶ a melhor organização do exército, em termos de equipamento e disciplina,²⁷ o maior asseio de Lisboa, já sem as matilhas de cães vadios que durante longo tempo a tinham infestado,²⁸ a prosperidade da actividade comercial²⁹ e, sobretudo, o desenvolvimento dos trans-

much better than the English railway buffets, and, in some respects, than the French.” (*Fair Lusitania*, p. 250).

²⁵ “Passing through the custom-house used to be a very long and vexatious affair; (...) I, however, found that the Portuguese of to-day *avaient changé tout cela*. The luggage was landed without delay; there was no peering into everything as of old. (...) There was nothing to pay; no passport was asked for, and, in reply to my inquiry, I was told that none was needed, except on leaving the country by sea.” (*Fair Lusitania*, pp. 19-20).

²⁶ “But already there are many elementary schools of the first and second order supported by the State, also by charitable associations, and by private individuals. Of a higher class, in every branch of education, there are numerous public establishments, where professors of great eminence attend.” (*Fair Lusitania*, p. 52); “By the manner, too, in which he and his queen [D. Maria II and D. Fernando] brought up and educated their numerous family, they set an example to the noble and wealthy of Portugal which happily has been very generally followed. The result is the wider spread of education, the beneficial effects of which are gradually extending themselves to both sexes and all classes.” (*Fair Lusitania*, p. 154).

²⁷ “But the Portuguese army is reputed to be now in a more efficient state than it has been for many years – better disciplined and better equipped. Lately there have been received 30,000 Remington rifles from England, and a further supply is expected.” (*Fair Lusitania*, p. 156).

²⁸ “Now that the streets are swept every night, watered in the morning by the old-fashioned water-barrel, in the afternoon by means of the hose on wheels, as in Paris, and that the scavenger’s cart calls every day, all stray dogs are poisoned, the water-pots have disappeared (...)” (*Fair Lusitania*, p. 50).

²⁹ “This morning I heard in the *Alfandega* that the extensive warehouses of that establishment are becoming insufficient for the great and increasing trade of the country”. (*Fair Lusitania*, p. 20).

portes. Se bem que lhes aponte alguns defeitos, em especial a nível da comodidade, *Lady Jackson* pôde usufruir de novos meios de locomoção, nomeadamente o comboio de Lisboa ao Porto,³⁰ o caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa até Sintra,³¹ e os *americanos* (*tramways*) do Porto,³² tornando-se pois testemunha dos frutos da política do fontismo.³³ Oriunda de uma nação que estava na vanguarda do progresso tecnológico, a viajante inglesa já tinha a experiência da velocidade e não se deparou em Portugal, a este nível, com nada de novo ou de melhor,

³⁰ “Railway travelling here is slow, but, for the most part, sure. The carriages are sufficiently lofty and roomy; each has ten seats – a *poltrona*, or arm-chair, in the centre, and double seat on either side. But they are the dingiest, dreariest first-class carriages I ever travelled in; uncomfortable too, and little adapted to the climate. (...) These dismal carriages are of English construction, and so are those of the second class, which are not so luxuriously furnished”. (*Fair Lusitania*, pp. 245-246).

³¹ “The new Larmanjat railway, which was opened but a few weeks ago, is expected to transform Cintra into one of those junketing-places where “a happy day may be spent” by those Lisbonense who have neither time nor cash to spare for seeking happiness further from home. However, from my own experience of “the Larmanjat”, I should say that only those to whom the saving of an hour and a *milreis* or two is of the utmost importance would ever take a second journey by it. It is constructed on a system which, I am told, has been tried in France with but little success. It is not in great favour here; and I have heard engineers say that it must ultimately prove a failure, as the rail, which is of wood, will swell in the rainy season, and throw the carriages off the line. Yet there is another line on the same system nearly completed to Torres Vedras.” (*Fair Lusitania*, p. 165).

³² “Every ten minutes or quarter of an hour one of these *Americanos* glides by at great speed, so smoothly does it pass along the rails. They have three horses or mules abreast, and at the foot of the hill two leaders are added to the cars that go *acima*, or to the upper part of the city. (...) going up and down in the *Americanos*, which are exceedingly convenient – travelling the two miles between Oporto and this suburb in about a third of the time that a hired carriage takes for the journey. The charge is six *vintems* (sevenpence-halfpenny). There is plenty of space and air, no sun or dust, and all the world uses them. They began running only last year, I am told, and are a great success.” (*Fair Lusitania*, pp. 274 e 276).

³³ Período de fomento económico, desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação e consequente modernização das infra-estruturas de Portugal que deve o seu nome ao engenheiro António Maria de Fontes Pereira de Melo (1819-1887), um dos mais destacados políticos portugueses da segunda metade do século XIX e o primeiro titular da pasta do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, criado em 1852, no início do movimento da Regeneração.

obviamente; mas importa salientar os avanços que ali encontrou e que a impressionaram como turista, por projectarem uma imagem da Lusitânia que contrariava a ideia feita de um país estagnado e constituírem provas dessa modernidade sonhada para Portugal que aos poucos ia chegando. Sublinhe-se, também, que a rapidez não era um desiderato de Lady Jackson, a qual, em viagem de lazer, pretende fruir a sua segunda estada em terras portuguesas sem pressas – não *à l'anglaise*, portanto, como a própria diz, a páginas 23 do relato –, dando-se esse tempo lento que, em sua opinião, é necessário para descobrir as belezas de Portugal e as suas peculiaridades, longe da vertiginosa vida inglesa.

Já os portugueses, por sua vez, buscavam em Londres o espectáculo do ritmo acelerado do progresso, pelo que a visita à poderosa e gigantesca metrópole representava uma espécie de viagem ao futuro. A adjectivação usada nos relatos sobre a capital inglesa, como o do jornalista Eduardo Coelho (1835-1889) – “imenso”, “grandioso”, “numeroso”, “vasto”, “espantoso”, “colossal”, “opulento”, “interessante”, “magnífico”, “magnificante”, “esplendoroso”, “majestoso”, “altivo”, “forte”, “rico” – é precisamente a expressão do espanto e da admiração por um modelo de desenvolvimento que, em muitas das suas facetas, se gostaria de ver concretizado em Portugal.

Fundador do *Diário de Notícias* em 1864, com Tomás Quintino Antunes (1820-1898), Eduardo Coelho foi director deste importantíssimo órgão da história da imprensa periódica portuguesa até à sua morte, devendo-se-lhe a introdução de dois novos géneros jornalísticos: o editorial e a grande reportagem. Em 1879 publicou o volume *Passeios no Estrangeiro*, cuja Segunda Parte diz respeito a um “Passeio a Londres” que o autor fez em Agosto de 1878, na sequência de uma visita à Exposição Universal de Paris desse mesmo ano, não sozinho, como Lady Jackson, pois, ao contrário desta, considera que “Viajar só, quando se viaja por prazer, é triste, e até inconveniente” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 257), mas na companhia do editor David Corazzi (1845-1896)³⁴

³⁴ David Augusto Corazzi, em 1878, foi promovido a 2º oficial da Administração Central dos Correios de Lisboa. Aos 27 anos começara a sua carreira de editor, a qual viria a ser extremamente bem sucedida, após uns desaires iniciais. Criou a biblioteca “Horas Românticas”, constituída por romances distribuídos em fascículos

e de Salomão Saragga (1842-1900),³⁵ então redactor e proprietário da revista ilustrada *Dois Mundos* fundada em Paris em 1877,³⁶ que lhes serviu de “guia intellegentissimo”. (*Passeios no Estrangeiro*, p. 258)

Significativamente, as palavras que abrem a narrativa de Eduardo Coelho – “Eu tinha um desejo invencível: ver a metropole britanica” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 257) – dão testemunho do fascínio exercido pela “capital da primeira nação marítima do mundo” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 258), cenário mítico tão grande, complexo e multiforme que, diz o autor, só pode ser apreendido, no pouco tempo de que dispõe, seis dias, de relance. A chegada a Londres por barco, dando-lhe a possibilidade de contemplar o porto, as docas, os estaleiros, os armazéns, os estabelecimentos marítimo-comerciais, os milhares de navios, e os posteriores passeios que deu de *omnibus* pelas ruas, permitiram-lhe observar a grandeza, bem como a actividade e o movimento incessantes e vertiginosos da cidade, mas apenas de passagem, pelo que, no tecido narrativo de Eduardo Coelho, a descrição resulta também apressada, superficial, esquemática, abundando as simples enumerações e a força seca e esmagadora dos dados estatísticos. A visão panorâmica ampla proporcionada pela velocidade do *omnibus*, do *cab*, do *wagon*, apenas deixa, pois, que se *entreveja* a capital londrina, que os seus edifícios, monumentos e jardins sejam conhecidos *por fora*, não por dentro como sucede com Lady Jackson, que dispõe de tempo e se entrega a lentas deambulações, daí resultando uma descrição pormenorizada dos casarios, das flores dos jardins, dos trajas dos habitantes, etc.

semanais vendidos ao preço de 50 réis, a “Biblioteca do Povo e das Escolas”, “Dicionários do Povo”, a “Biblioteca Universal Antiga e Moderna” e muitas outras edições populares de baixo preço, tanto de instrução como de recreio.

³⁵ Salomão Bensabat Saragga, especialista em estudos hebraicos, era filho de uma família judia muito rica estabelecida em Lisboa no século XIX. Pertenceu ao círculo de Antero de Quental. No dia 26 de Maio de 1871, quando se preparava para proferir a sua palestra sobre *Os Historiadores Críticos de Jesus*, o governo mandou encerrar as Conferências Democráticas do Casino, que o grupo do Cenáculo organizara, por considerá-las uma ofensa à religião e às instituições do Estado.

³⁶ Nas palavras de Eduardo Coelho, “uma das publicações notáveis da Europa pelas suas gravuras e a mais rica que d’este género se tem escripto em portuguez.” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 258).

Consciente de que em tais condições o olhar apenas pode reter “os vultos e os perfis” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 269) das coisas, o autor diz que é preferível sacrificar a quantidade à qualidade e optar por ver com alguma demora o que mais se ambiciona conhecer. No caso dos três portugueses em Londres, uma terra que Eduardo Coelho qualifica de “*sui generis*” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 271) e com um “viver especial” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 277), não deixando assim de referir o tão repetido tópico da peculiaridade dos costumes ingleses, isso significou ir aos banhos turcos, aos teatros, a Hyde Park, ao jardim zoológico, ao museu de cera de Madame Tussaud, a restaurantes, a mercados, à Abadia de Westminster e à Catedral de S. Paulo, à Câmara dos Comuns, experimentar o “vão infernal” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 274) do metropolitano – “Desde as cinco horas da manhã até às onze da noite entre as estações de Mansion-House e de Edgeware-road, ha trens de dez em dez minutos e entre as de Edgeware-road e a de Moorgate-street, de tres em tres e de seis em seis minutos! Os comboios param nas estações apenas um minuto.” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 283) –, e, especialmente, visitar os escritórios e as oficinas dos jornais *Times* e *Graphic*, um interesse que se compreende tendo em conta a profissão dos forasteiros.

Apesar de impressionado com a cidade, Eduardo Coelho não adopta no seu relato uma atitude de total rendição, o que é de assinalar. Indo ao encontro das representações da Inglaterra e da sua capital que encontramos na obra de homens da Geração de 70 como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, o jornalista deixa-nos um quadro misto e contrastivo:

(...) a physionomia moral, tão cheia de contrastes, d’esta espantosa cidade, que mostra ao mundo duas faces dissimilhantes, – a grandeza e a miseria, a magnificencia e a desgraça, o aprumo imperturbavel e olympico do *lord*, e a cynica actividade do *pic-pocket*, a virtude candida e angelica da formosa *lady*, que desabrocha em sorrisos na atmosphaera pura e suave da familia, e o vicio repellente e crapuloso da mulher ebria e devassa, que provoca e ataca nas ruas o viandante despreoccupado.” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 267).

Às 9 horas estávamos nas dokas de Santa Catharina, tendo deixado em paz a colossal cidade e as suas opulências e miserias, os seus esplendores e a sua fome, os seus ricos a gosarem no concheiro dos palácios e dos clubs, e os seus pobres a dormirem sobre as lageas frias e húmidas dos porticos e das ruas. Uns a comerem o succulento *roast-beef*, outros... a morrerem á mingua. (*Passeios no Estrangeiro*, p. 292)

Aqui simultaneamente pinta os seus esplendores e as suas misérias, a sua luz e as suas sombras, a Londres opulenta, progressista, empreendedora, positiva, útil, organizada, exacta, sistemática, e a Londres pecaminosa da prostituição, da embriaguez, dos carteiristas (uma “atração” que o autor lamenta, com ironia, não ter conhecido pessoalmente), do capitalismo desenfreado, da “coisificação” do indivíduo.

Diríamos mesmo que, no texto de Eduardo Coelho, há uma certa rejeição da capital inglesa, à semelhança do que sucede no famoso poema *A Lua de Londres* do ultra-romântico João de Lemos (1819-1890), composição aliás referida de modo indirecto pelo autor de *Passeios no Estrangeiro*.³⁷ De forma circular, o seu relato abre, como já dissemos, com a confissão de que conhecer Londres era um desejo há muito acalentado, mas desde as primeiras linhas fica também claro que essa viagem de sonho se completa com um não menos desejado regresso ao Chiado; e, ao concluir, Eduardo Coelho diz adeus a Londres

³⁷ “Três dias de sol ardente – seria vaidade supôr que tinham sido expressamente preparados pela natureza para receber a nossa quasi incognita visita, – nos esperavam; e uma noite a lua surgiu clara e nitida para nos dizer que estava vivamente escandalizada com o nosso inspirado poeta, que conturbado pela saudade e mirando “o astro amigo”, o inspirador dos tristes, através das lágrimas, a pintára nos seus suavísimos versos muito mais feia do que ella realmente é... ás vezes... em Londres.” (*Passeios no Estrangeiro*, pp. 272-273).

O poema *A Lua de Londres* foi escrito por João de Lemos durante o seu exílio na capital inglesa. Álvaro Manuel Machado define como “poema antológico, verdadeiramente programático” esta composição que “evoca a imagem saudosa de um Portugal puro e feliz, cheio de sol e de encantos rústicos, de “fontes de cristal”, por oposição a uma opressiva cidade industrial onde a “meiga lua” “rompe a custo um plúmbeo céu.” (Álvaro Manuel Machado, “Lemos de Seixas Castelo Branco, João de”, Álvaro Manuel Machado (Org. e Dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa* (Lisboa: Editorial Presença, 1996), p. 266.

apenas com “vagas saudades” – “Estavam feitas as nossas malas. Iamos retirar de Londres com a alma cheia de sombras e de vagas saudades.” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 290) – e suspirando por Lisboa, o que contrasta com as “*saudades profundas*” de Portugal que Lady Jackson sente ao voltar a Inglaterra. Quer isto dizer que, reconhecendo embora o adiantamento espantoso da pátria de John Bull e os prodígios da civilização por ela alcançados, aflora ao relato de Eduardo Coelho uma certa mitificação da pátria que se deve, sobretudo, ao luminoso céu azul de Portugal³⁸ e à beleza de Lisboa, com o seu excelente porto, superior ao de Londres, mas de que os portugueses, por desleixo, não sabem, infelizmente, tirar proveito económico, ao contrário da Inglaterra:

Ao vêr o Tamisa, tão forte, tão rico, tão abastecido de todos os valiosos elementos e auxiliares da navegação e do commercio, guarnecido de fortes, de armazens, de dokas, de pontes, de estaleiros, de casas, de abrigos de toda a especie, lembrámo-nos mais uma vez do Tejo, do seu magnifico porto natural, d’este bello e vastissimo estuario, do seu esplendido conjuncto, que a natureza tornou muito superior ao Tamisa e ao Sena, e que o nosso desleixo continua a conservar desamparado das obras que poderiam a elle attrahir a navegação do mundo; humilde, amesquinhado e esquecido, elle, que é considerado por todos os que o conhecem como um dos mais famosos, portos do mundo; formoso, rico, vasto, grande, mas desprezado de nós mesmos. (*Passeios no Estrangeiro*, p. 263).

Relatos contemporâneos de viagens que já beneficiaram das novas modalidades de itinerância decorrentes da revolução dos transportes, os textos de Lady Jackson e de Eduardo Coelho, respectivamente sobre Portugal e a Inglaterra – nações há muito aliadas mas mesmo assim bastante desconhecidas uma da outra, como a viajante inglesa afirma a dado passo –, contrastam por narrarem deslocções a espaços com realidades sociais com tempos e ritmos muito diferentes entre si em termos de desenvolvimento e de progresso, o que desencadeia

³⁸ “A noite appareceu clara e estrellada, não d’aquelle formoso manto azul-saphira bordado de diamantes de que fallam os nossos poetas ao exaltar o encanto do nosso bello céu occidental, mas de um azul-ferrete indeciso, que parece ser visto através de uma camada de nevoa, ou de uma nuvem de pó.” (*Passeios no Estrangeiro*, p. 272).

nos autores, por comparação, reflexões acerca do seu próprio país e desperta neles sentimentos pendulares de admiração e recusa, de aproximação e afastamento. Retrato mais idílico o de Lady Jackson, mais romântico, se bem que a vitoriana toque em questões políticas e sociais e afirme claramente a sua ideologia liberal quando fala da implantação do Liberalismo em Portugal, da guerra civil que então grassava em Espanha (Guerras Carlistas) ou dos seus votos em relação à emancipação da mulher portuguesa,³⁹ mais focado nos encantos naturais de Portugal,⁴⁰ na estética da paisagem e no pitoresco dos costumes; apontamentos mais fugazes os de Eduardo Coelho, destituídos de exemplos de verdadeira interacção com os naturais de Inglaterra, pois, ao contrário de Lady Jackson, que sabia português, o jornalista e os seus dois amigos não dominam o inglês, o que desde logo limita drasticamente a sua capacidade de entender mais profundamente o Outro, mas também mais críticos e atentos aos problemas e males sociais, e concentrados quase exclusivamente nas conquistas materiais derivadas da acção transformadora dos ingleses, as duas obras têm em comum o facto de projectarem uma imagem global positiva de cada um dos países estrangeiros visitados, sem que tal implique uma atitude de

³⁹ “More than once I have reached the car when it was just about to start, and already quite full. On those occasions the conductor has opened the door and abruptly announced, “*Uma senhora quer entrar*” — a lady wants to come in. Instantly, three or four gentlemen have risen from their seats, and I have taken the place of the one nearest to me. Who, with a polite bow, has made his exit, to seek standing-room amongst the crowd on the board outside. I do not think there was an Englishman amongst the number of those who were willing to be thus ousted from their seats for a stray woman’s sake; and probably when the Portuguese ladies have so far “emancipated” themselves as to desire, like their sisters of the north, to stand on an equality with men, that sort of polite deference and gallantry towards “the weaker vessel,” which you may count on generally meeting with here, will become — as it is natural it should do — as rare as it now is in England.” (*Fair Lusitania*, pp. 295-296).

⁴⁰ “Is it good for the health, I wonder, to be falling for ever into ecstasies? — for that must be your condition in this lovely land [Minho], if you are not a very stock or stone. Perhaps it is, at all events, good for the soul; for who can ramble, amidst scenes so lovely — and these surely are fair and lovely as any that nature can show — and his thoughts not rise irresistibly from the contemplation of these glorious works of nature towards the grand and glorious Being, Nature’s God?” (*Fair Lusitania*, p. 331).

rejeição do lugar de origem.

As relações entre países suscitam percepções mútuas, as quais se exprimem de modo particularmente rico, do ponto de vista imagológico, nas narrativas de viagem, como começámos por dizer. Produto da matriz cultural do forasteiro, da sua formação, sensibilidade, ideologia e interesses, tais relatos da experiência da alteridade não configuram e reformulam somente imagens do Outro, confrontam-nas também com imagens de Si Mesmo, resultando de tal processo de observação a descoberta de diferenças e semelhanças mais ou menos flagrantes, mais ou menos surpreendentes, agradáveis ou dolorosas, como demonstra o seguinte episódio narrado por Eduardo Coelho:

Ao passarmos no tombadilho entre as duas alas de passageiros de ambos os sexos tirámos o nosso chapéu, saudando-os á nossa moda nacional. Não se incommodou ninguém a corresponder a tal cumprimento. A mais impassível e despresadora indiferença nos recebeu e esmagou, reduzindo-nos ao nada da nossa insignificancia (...) (*Passeios no estrangeiro*, pp. 261-262).

Os discursos de Lady Jackson e de Eduardo Coelho – viajantes em trânsito por Portugal e a Inglaterra na década de 70 do século XIX –, aqui analisados brevemente, são um exemplo desses olhares cruzados.